



A figuratividade na semiótica discursiva: da herança panofskyana ao legado greimasiano¹

Figurativity in discourse semiotics: from the panofskyan heritage to the greimasian legacy

Flavia Karla Ribeiro SANTOS*

Jean Cristtus PORTELA**

RESUMO: Este artigo visa apresentar a origem do conceito de figuratividade na semiótica discursiva, partindo do princípio de que foi incorporado à metalinguagem dessa disciplina por meio de empréstimo conceitual da teoria estética. Também é objetivo deste trabalho mostrar como o olhar sobre a figuratividade, cujo papel na construção do sentido envolve a articulação de simulacros do mundo natural com as dimensões tímica e sensível conforme os sujeitos percebem e apreendem os objetos para que o enunciatário seja persuadido a crer no discurso manifestado em textos verbais, não verbais e sincréticos, se transforma ao longo dos anos, periodizando as mudanças de perspectiva sobre a figuratividade à medida que é descrita a sua evolução. O *corpus* é composto de livros e artigos que tratam do papel desse conceito na construção do sentido, publicados entre 1966 e 2008. Resulta dessa investigação a verificação de que a semiótica se apoia sobretudo nos estudos panofskyanos sobre iconografia e iconologia, mas também em contribuições teóricas de linguistas como Hjelmslev e Jakobson. Por fim, a pesquisa conclui que a figuratividade se mantém operacional na semiótica e contribuindo para a evolução da teoria.

PALAVRAS-CHAVE: Empréstimo conceitual. Figuratividade. Linguística. Semiótica. Teoria Estética.

ABSTRACT: This article aims to present the origin of the concept of figurativity in discourse semiotics, assuming that it was incorporated into the metalanguage of this discipline through conceptual borrowing from aesthetic theory. It is also the aim of this paper to show how the look on figurativity, whose role in the construction of meaning involves the articulation of simulacra of the natural world with the thymic and sensitive dimensions as the subjects perceive and apprehend the objects so that the enunciatee is persuaded to believe in the discourse manifested in verbal, nonverbal and syncretic texts, is transformed over the years,

* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela FCLAr-Unesp. Pós-doutoranda na FCLAr-Unesp com bolsa Unesp - PROPe. flaviakarlar@gmail.com

** Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela FCLAr-Unesp. Docente na FCLAr-Unesp. jean.portela@unesp.br

¹ Grande parte deste trabalho corresponde a uma versão resumida do primeiro capítulo da tese *O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França*, defendida por Flavia Karla Ribeiro Santos, na Unesp de Araraquara, em 28 de maio de 2020. A pesquisa foi realizada com bolsa CAPES – código de financiamento 001, sob orientação de Jean Cristtus Portela, e está vinculada ao projeto “Semiótica do discurso: epistemologia e história”, conduzido por este pesquisador.

periodizing the changes of perspective on figurativity as its evolution is described. The corpus is composed of books and articles that deal with the role of this concept in the construction of meaning, published between 1966 and 2008. The result of this research is the verification that semiotics relies mainly on Panfskyan studies on iconography and iconology, but also on theoretical contributions from linguists such as Hjelmslev and Jakobson. Finally, the research concludes that figurativity remains operational in semiotics and contributing to the evolution of the theory.

KEYWORDS: Conceptual borrowing. Figurativity. Linguistics. Semiotics. Aesthetic Theory.

Artigo recebido em: 08.04.2023

Artigo aprovado em: 19.06.2023

1 Introdução

Em discurso proferido na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Greimas (1990 [1987], p. 187) explica que a observação de mudanças na evolução de um campo disciplinar pode esbarrar em diferentes obstáculos, como a dificuldade de reconhecimento de transformações epistemológicas profundas e de distinção dos “[...] fenômenos de moda intelectual propriamente ditos das articulações paradigmáticas de tipo conjuntural, dispostas em diacronia”.

Pensando, então, no desafio de identificar transformações epistemológicas, como aquelas a que Greimas se refere, neste trabalho, revisitamos os campos disciplinares essenciais à edificação da figuratividade enquanto conceito semiótico: a teoria estética e a linguística. Em seguida, fazemos uma revisão bibliográfica voltada ao estudo desse conceito na disciplina, desenhando um panorama geral sobre o modo como a figuratividade foi entendida ao longo de sua história – da *Sémantique Structurale* de Greimas (1966a) às *Pratiques Sémiotiques* de Fontanille (2008).

É, antes disso, pela discussão sobre empréstimos conceituais que inauguramos o nosso percurso investigativo.

2 Sobre os empréstimos conceituais à metalinguagem científica/semiótica

Desde os anos 1980 interessa à semiótica reconhecer as origens do termo figuratividade. Na introdução do número 26 do *Bulletin*, “La figurativité II”, Denis

Bertrand (1983) diz que os empréstimos conceituais não são novidades na semiótica, que se apropria de uma noção ou outra, pertencente a outros domínios, e a modela, redefine “conforme seus princípios de pertinência”. Isso ocorre com o figurativo, visto ser uma “[...] noção aplicada geralmente à representação pictural: mas que recebeu uma aceção muito mais ampla no campo semiótico” (BERTRAND, 1983, p. 3, tradução nossa)².

Tal posicionamento de que a figuratividade tem origem na teoria estética encontra eco em Joseph Courtés (1986), que não a separa de suas origens na iconografia e na iconologia ao basear seus estudos sobre o conto maravilhoso francês na teorização panofskyana acerca das organizações figurativas intituladas “motivos”.

Quanto ao empréstimo conceitual, se considerado em aceção de dicionário de léxicos de uma língua natural, o empréstimo pode ser entendido como apropriação de um traço ou de uma unidade linguística de uma cultura por outra, até então carente desse(a) traço/unidade linguística, de modo que passe a fazer parte do vocabulário da outra cultura parcial (o termo utilizado conserva os aspectos fonológicos e ortográficos da cultura de origem) ou integralmente (ocorrência de integração fonológica, ortográfica e morfológica pela cultura de destino) (DUBOIS, 2011). Passando ao âmbito da metalinguagem científica, o empréstimo de um termo deve ser compreendido como fenômeno que ocorre “[...] nos níveis de pertinência lexical e discursivo, manifestando-se pela introdução, na língua de especialidade [...], de termos herdados de outros domínios teóricos, por meio de citações e alusões, em um verdadeiro processo de intertextualidade” (PORTELA, 2012, p. 8).

Ora, se a metalinguagem científica é uma linguagem construída, então termos emprestados de outras disciplinas possuem uma equivalência metafórica em que subsistem semelhanças e diferenças conceituais (GREIMAS, 1982). Nesse sentido, como a metalinguagem da semiótica é científica, igualmente à da teoria estética, que

² Trecho original: “[...] notion appliquée généralement à la représentation picturale: c’est qu’elle a reçu dans le champ sémiotique une acception beaucoup plus large”.

também lhe emprestou os termos motivo, figura e figurativo, entre outros, antes de abordamos o que a Semiótica entende por figuratividade, importa conhecermos o quanto a conceituação de origem desse termo se assemelha à da teoria que a recupera, absorve, adota como sua, o que possibilitará, igualmente, compreender o porquê desse conceito atingir uma acepção mais ampla nesse campo. Como, na Semiótica, a figuratividade não pode ser concebida desconsiderando a relação primeira entre temas e figuras, não importando qual exerce predomínio na organização figurativa, retomemos *a priori*, na teoria estética, como essa relação ocorre.

2.1 A figuratividade na teoria estética

Segundo Erwin Panofsky (2007 [1955], p. 47-48), a “iconografia é o ramo da história da arte que trata do tema ou da mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma”³. A fim de distinguir “forma” de “tema”, toma como exemplo o conhecido que tira o chapéu para cumprimentá-lo. Ele, no princípio, reconhece visualmente as cores, as linhas e os volumes, e então identifica o homem, um objeto de seu mundo. Todavia, é o detalhe do ato de tirar o chapéu que faz com que ele ultrapasse “[...] os limites da percepção puramente formal [...]” e penetre “[...] na primeira esfera do tema ou mensagem” (PANOFSKY, 2007 [1955], p. 48), um significado factual. Nesse momento,

O significado assim percebido [...] é apreendido pela simples identificação de certas formas visíveis com certos objetos que já conheço por experiência prática e pela identificação da mudança de suas relações com certas ações ou fatos (PANOFSKY, 2007 [1955], p. 48).

Depois, ele identifica as nuances psicológicas do conhecido, como o humor, o que exige certa sensibilidade, outro tipo de significado (expressional). O teórico

³ Em termos semióticos, a “forma” corresponde ao significante, enquanto o “tema”, ao significado.

destaca, contudo, a importância do campo de interpretação do ato de tirar o chapéu como forma de saudação, pois é peculiar à cultura ocidental – um modo de demonstrar respeito ou, em último termo, de demonstrar intenções pacíficas; um resquício do cavalheirismo medieval que, em outras sociedades ou outra época, pode não ser compreendido como tal. Esse reconhecimento do ato de saudação polida é, portanto, da ordem do inteligível, pois exige familiaridade com os costumes e as tradições de dada cultura, ao passo que o reconhecimento do humor é da ordem do sensível. Assim, os dois significados pertencem ao nível dos “temas primários”.

Outro nível de significação é o do “tema secundário ou convencional”, que, na Semiótica, é chamado de simbólico. Para Panofsky (2007 [1955], p. 50), é a percepção de que “[...] um grupo de figuras, sentadas a uma mesa de jantar numa certa disposição e pose, representa a *Última Ceia* [...]”. Trata-se, assim, de identificar assuntos e conceitos por meio da ligação de “motivos” (imagens, estórias e alegorias) e de combinações de motivos artísticos⁴. Esse nível liga-se ao último, o do “significado intrínseco ao conteúdo”, aquele em que há a apreensão de princípios em que subjazem “[...] as atitudes básicas de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra” (PANOFSKY, 2007 [1955], p. 52). Por fim, reconhecidos os três níveis, para Panofsky (2007 [1955], p. 54), é papel da iconologia, “[...] método de interpretação que advém da síntese mais que da análise [...]”, interpretar corretamente a análise dos motivos.

Enquanto Panofsky (2007 [1955]) se ocupa do reconhecimento dos motivos pela familiaridade com as convenções sociais que manifestam, anos mais tarde, Wilcon Joia Pereira (1976) defende que cabe aos temas e às figuras a função de fazer significar organizações complexas que reúnem tanto formas verbais quanto plásticas. Ele entende que as figuras são objetos visuais desvinculados dos caracteres verbais – a

⁴ Os motivos, segundo a história da arte e os estudos folclóricos, “[...] apareceram como formas narrativas e ou figurativas autônomas e móveis, suscetíveis de passarem de uma cultura a outra, de se integrarem em conjuntos mais vastos, perdendo parcial ou totalmente suas significações antigas em benefício de investimentos semânticos desviados ou novos” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 87).

percepção do mundo por intermédio de sua representação na pintura, na gravura, no desenho e na aquarela com contornos mais ou menos definidos, em diferentes disposições espaciais etc. Esses objetos plásticos são concebidos “[...] como reprodução das aparências visíveis ou visualizáveis [...]”, que se constituem de cenas observáveis ou idealizadas da vida, assim como de cenários mitológicos etc. (PEREIRA, 1976, p. 4); em outras palavras, eles reproduzem, artisticamente, práticas socioculturais reconhecíveis, como aquelas chamadas por Panofsky (2007 [1955]) de motivos, que pode ser mais ou menos realista a depender da familiaridade do enunciatário com as convenções sociais que representa.

Para tratar das figuras que resultam da espacialização da linguagem, Pereira (1976) considera necessário distinguir “figura” de “figurativo”, sendo aquela equivalente à forma, ao contorno visualmente representado de um dado corpo, enquanto esta não apenas se opõe ao abstrato, mas também se constitui de formas que, por semelhança ou analogia com o objeto representado, possibilitam o reconhecimento desse objeto pelo enunciatário.

Baseando-se em trabalho de Jean-François Lyotard, o pesquisador ainda apresenta uma definição de figuratividade: “[...] propriedade relativa à vinculação do objeto plástico com o que ele representa. Ela desaparece se o quadro não tem mais por função representar, se é o próprio objeto. Vale então pela exclusiva organização do significante” (LYOTARD *apud* PEREIRA, 1976, p. 29). Isso quer dizer que a figuratividade, para Pereira (1976), corresponde à organização dos elementos que compõem o objeto para que sejam reconhecidos pelo enunciatário, sendo extensão da “figuralidade”, entendida como propriedade do que vem a ser reconhecido, visualmente percebido; uma figuratividade em devir.

Evidentemente, a noção de figura, para os semioticistas, tem uma natureza mais complexa do que a apresentada por esse autor, pois ultrapassa a relação com a representação visual da forma. O mesmo ocorre com o termo figurativo, um qualificativo, dizem Greimas e Courtés (2011 [1979]), cujo emprego está sempre

relacionado à correspondência entre figura (expressão) e tema (conteúdo). Ainda assim, Pereira (1976) traz uma definição de figuratividade no âmbito da teoria estética e, como Panofsky (2007 [1955]), relaciona representação e organização figurativa de elementos do mundo natural, com vistas a fazer com que o enunciatário os reconheça como existentes em uma cultura conforme transmite seus valores e convenções sociais, perspectiva compartilhada com a Semiótica.

Além disso, esse breve panorama de como temas e figuras se estruturam e se conformam nas artes visuais leva-nos a concordar com Bertrand (1983) que a figuratividade, na Semiótica, tem aplicação bem mais alargada, visto que o arranjo dos temas e das figuras não fica restrito às artes visuais nem à identificação imediata de elementos do mundo natural; ela participa da construção de conceitos, como figurativização, por exemplo, e ainda da identificação de experiências sensíveis e estéticas tanto do ponto de vista artístico, quanto do das interações sociais. Aprofundaremos mais essa questão a seguir, acrescentando, à contribuição da teoria estética, as perspectivas linguísticas sobre as organizações figurativas que se integraram ao projeto greimasiano.

3 Contribuições da teoria estética e da linguística que se entrelaçam à semiótica

A noção de figuratividade na semiótica começa a ser desenhada em *Sémantique Structurale*, quando Greimas (1966a) apresenta o nível semiológico⁵ (trataremos disso adiante). Para que viesse a ser entendida, atualmente, como a capacidade de um texto simular a experiência sensível (FARIAS, 2010), participando, desse modo, de todos os níveis do percurso gerativo, e utilizando, para isso, figuras que fazem com que o enunciatário tome o discurso como verdadeiro, as investigações sobre esse conceito passou por diversas fases, tendo como ponto de partida, a compreensão do papel da figura na organização do discurso para fins de produção do sentido. O estudo da

⁵ Posteriormente substituído por nível figurativo (SILVA, 1974) e depois por componente figurativo (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979]).

figura leva em conta três perspectivas: *panofskyana*, aqui retomada do ponto de vista de Courtés (1986); *jakobsoniana*, que margeia aspectos da retórica; e *hjelmsleviana*, que teve forte influência na construção do projeto greimasiano e, sobretudo, no entendimento de como a figura poderia contribuir para a significação. Essas contribuições tanto fornecem subsídios para a edificação dos conceitos de figura e de figuratividade, como permanecem amparando as análises semióticas.

3.1 Perspectiva *panofskyana*

Na seção anterior, apresentamos o ponto de vista da iconografia/iconologia sobre a construção figurativa, intimamente vinculada à formação dos motivos. Entrementes, quem semiotiza o estudo panofskyano sobre iconologia e iconografia para melhor explicar como os motivos operam na construção do sentido é Courtés em *Le conte populaire: poétique et mythologie* (1986). À medida que investiga as relações sintagmáticas e paradigmáticas entre as figuras na análise de contos maravilhosos, o semioticista resume a concepção panofskyana sobre os três níveis de significação do motivo, evidenciando a perspectiva da teoria estética ao mesmo tempo que traz à luz a relação que esses níveis estabelecem com a metodologia semiótica.

Conforme Courtés (1986), no primeiro nível de significação do motivo, um significado de base (correlato ao formante figurativo na semiótica plástica) é atribuído a um significante visual, que corresponde às “puras formas”, que poderíamos chamar de mundo comum, no sentido greimasiano. O motivo panofskyano (enquanto significado) é entendido, aqui, como o figurativo na semiótica: qualquer conteúdo que tem um correspondente no plano da expressão do mundo natural.

No segundo nível de significação, ou “nível de interpretação da obra de arte” (COURTÉS, 1986), a imagem surge da relação entre o motivo e um tema/conceito. No caso de existirem dois ou mais motivos, eles são sintagmaticamente organizados em um encadeamento narrativo, formando, assim, significações secundárias, que são as alegorias. Além disso, nada impede que as significações secundárias estabeleçam

correspondência com as primárias, como um jogo de denotação e conotação⁶ em que a significação secundária pressupõe a primária – como ver um homem com pés e mãos com furos flutuando no ar (significação primária) e essa imagem significar Cristo se elevando depois de ressuscitado (significação secundária). Não obstante, significações primárias (motivos) diferentes também podem compor uma significação secundária, a exemplo de variáveis figurativas que remetem ao ambiente doméstico (como uma isotopia figurativa vinculada a um mesmo tema/valor).

O terceiro nível apoia-se sobre os anteriores conforme os associa a temas ou conceitos para formar um conteúdo último. Esse motivo, *a priori*, pode ser considerado simbólico. Mas, da perspectiva courtesiana, ele supera o fato de estar ligado a um contexto sociocultural ou a uma “condição de produção”, pois, no caso da obra de arte, esse último conteúdo é a obra de arte realizada que conserva os dois níveis a ela subjacentes. Para Courtés (1986, p. 31, tradução nossa⁷), nesse nível, a “mentalidade de base” pode ser semioticamente interpretada “[...] como uma espécie de semântica fundamental, em oposição às significações ‘primária’ e ‘secundária’ que se ergueriam de uma semântica superficial [...], sendo as relações entre estes dois níveis traduzíveis [...] em termos de conversão [...]”.

Assim, a significação secundária corresponderia à conversão de valores em temas. Considerando o discurso religioso, a que pertence o exemplo da elevação de Cristo, a ressurreição configura-se como um objeto-valor com o qual o cristão, sujeito de busca, quer entrar em conjunção após a sua morte. A vida após a morte é, portanto,

⁶ Segundo Floch (1983), o sistema de conotações sociais é composto da produção do efeito de “integração” (referência externa, ou seja, estabilização de referências entre enunciado e enunciação) e do efeito de “analogia” (referência interna, que é a imagem ancorada em uma dada época, conformada pela apreensão da realidade pelo observador). Esses referenciais são estabilizados no interior do enunciado e produzidos por figuras icônicas.

⁷ Trecho original: “[...] comme une sorte de sémantique fondamentale, par opposition aux significations ‘primaire’ et ‘secondaire’ qui relèveraient alors d’une sémantique superficielle [...], les rapports entre ces deux niveaux étant traduisibles [...] en terme de conversion [...]”.

um valor/tema recoberto pela figura “Cristo ressuscitado” (homem com marcas da crucificação erguendo-se em direção ao céu) no nível primário.

De forma resumida, em Courtés (1986), há uma correlação entre o figurativo, na semiótica, e o motivo, na iconografia, visto que os três níveis de significação deste último operam paradigmaticamente, passando de uma semântica fundamental a uma semântica superficial, como acontece no percurso gerativo.

3.2 Perspectiva jakobsoniana

O papel da linguística estrutural, também merece ser lembrado quando falamos de figuratividade. Em “Linguística e poética”, Roman Jakobson (2010 [1960]) defende que todo sistema de significação contém traços poéticos, uma vez que as “[...] relações entre a palavra e o mundo diz[em] respeito não apenas à arte verbal, mas [...] a todas as espécies de discurso” (JAKOBSON, 2010 [1960], p. 152). Além disso, toda comunicação tem uma finalidade, que varia e deve estar em conformidade com o modo como é realizada, senão não surte o efeito desejado, por isso “a linguagem deve ser estudada em toda a variedade de suas funções” (JAKOBSON, 2010 [1960], p. 156), sendo a função poética, uma delas. Ademais, essas funções associam-se aos fatores que constituem o processo linguístico pertencente a todo ato de comunicação verbal:

O remetente envia uma mensagem ao destinatário. Para ser eficaz, a mensagem requer um contexto a que se refere (ou “referente” [...]), apreensível pelo destinatário e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um código total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário [...]; e, finalmente, um contato, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que capacite ambos a entrar e permanecer em comunicação. (JAKOBSON, 2010 [1960], p. 156, grifos do autor).

Conforme o linguista, a cada um desses fatores corresponde uma função da linguagem: a emotiva (centrada no remetente), a poética (valoriza a mensagem), a fática (pende para o contato), a metalinguística (foca no código), a conativa (direciona-

se ao destinatário) e a referencial ou denotativa (geralmente dominante em grande parte das mensagens, relaciona-se com o contexto). Todavia, a contribuição jakobsoniana para a semiótica, sobretudo à teoria do figurativo, concerne, principalmente, à função poética, à ênfase dada à mensagem.

No *Dicionário de semiótica* (2011 [1979]), na entrada “poética”, é creditada ao linguista russo a definição de que, no discurso poético, o eixo paradigmático se projeta sobre o sintagmático, isto é, existe, nesse discurso, uma relação de hierarquia que liga termos por derivação em diferentes níveis – como uma isotopia figurativa que comporta “barba feita” e “terno alinhado”, metonimicamente representando um homem. Em virtude dessa projeção, o discurso poético reforça o efeito de sentido de verdade ao comportar um “estatuto paradoxal”, na medida em que “[...] sintaticamente é abstrato [...]; semanticamente, é um discurso figurativo e, como tal, [é] garantia de uma forte eficiência comunicativa” (GREIMAS; COURTÉS, (2011 [1979], p. 375).

Essa afirmação é explicada mais minuciosamente na entrada “metaforização”, quando Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 306) constatam que o aspecto paradigmático da produção discursiva ainda pressupõe a “[...] substituição de um indivíduo semiótico por outro [...]”, que é a metaforização (integração de um conjunto de sememas com um sema comum a uma isotopia, já que ela é constituída da iteração de semas). Os semioticistas problematizam a função poética ao observarem que Jakobson (2010 [1960]) explora as semelhanças e não as diferenças que, no sentido saussuriano, produzem a significação. Porém, entendem que esse problema é remediado, na metodologia semiótica, pelas isotopias figurativas, formadas no eixo sintagmático.

O que esses autores querem dizer com isso é que, embora haja semelhança nos semas iterados, essa semelhança é “anulada” pelas diferentes figuras que revestem os mesmos semas. Quanto à metáfora, ela é apreendida no discurso conforme constitui uma isotopia figurativa que ultrapassa o nível da frase no discurso. Nesse sentido, os

procedimentos de substituição paradigmática, como afirmam Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 307),

[...] se apresentam como interligadores de isotopias e, depois, em intervalos regulares, como mantenedores ou conectores de isotopias que as ligam umas às outras; as isotopias figurativas remetem quer a outras isotopias figurativas, quer a isotopias temáticas mais abstratas.

Ou seja, é o “conjunto de recorrências semânticas que se distribuem ao longo do tecido linguístico” que define o “plano de leitura de um texto”, a sua isotopia, sendo possível, ainda, que diferentes isotopias se relacionem metafórica ou metonimicamente (FIORIN, 2014, p. 46).

Toda essa discussão em torno das derivações e substituições paradigmáticas mediadas pela metonímia e pela metáfora demonstra que a aproximação entre a retórica e os estudos discursivos configura outra contribuição jakobsoniana para o projeto semiótico e a figuratividade presente no *Dicionário* de 1979. Se, no verbete “metaforização”, essas disciplinas se avizinham por meio do trabalho de Jakobson; notamos maior estreitamento entre elas no verbete “retórica”, diante do posicionamento de que à retórica concerne a classe dos discursos persuasivos e que a *inventio* se ocuparia “[...] tanto dos principais temas discursivos, quanto das figurações discursivas mais genéricas [...]” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 421), aproximando essa disciplina dos estudos sobre a figuratividade. Ademais, ao proporem a integração das figuras de retórica à semiótica enquanto componente estilístico, e a possibilidade de estudo de “figurações discursivas mais genéricas” na semântica fundamental, os autores tornam ainda mais próximas as duas disciplinas.

Cabe esclarecer que o interesse greimasiano pela metaforização, entretanto, antecede o *Dicionário*. Em “*Métaphore et isotopie*”, Greimas (1982 [1973]) se ocupa, a princípio, da construção de uma metalinguagem científica para a Semiótica e descreve a dificuldade de se parafrasear a linguagem objeto por meio de uma língua construída (a metalinguagem). Quando essa fusão acontece, contudo, significa que a construção

metalinguística conseguiu se identificar com a representação semântica figurativa da língua objeto, o que faz com que a metáfora, enquanto relação de equivalência semântica, quase desapareça.

Esse “quase” deve-se ao resquício que fica como um lembrete de que existe uma equivalência entre os termos, mas não uma identidade. Isso se evidencia em semas semelhantes entre esses dois níveis, mas que, ao mesmo tempo, os diferencia. Greimas (1982 [1973]) chama essa recorrência de “semas de isotopia”, além de afirmar que o conjunto de isotopias garante a coerência do discurso. Contudo, explica: as relações de junção em um enunciado exigem um operador metalinguístico que, *a priori*, equivale a operações metafóricas, configurando um problema para a enunciação, que é resolvido quando ocorre a passagem do grau frástico ao discursivo, ou seja, quando são constituídas isotopias que interligam os níveis profundo e superficial, e produzem significação nas relações hierárquicas entre eles.

Assim, a metaforização pode ser vista, entre outras maneiras, como metáforas que constituem uma isotopia que permite passar de um nível abstrato a um figurativo. Além disso, podem existir várias isotopias figurativas, cabendo à metaforização propiciar que se relacionem/conectem (GREIMAS, 1982 [1973]).

3.3 Perspectiva hjelmsleviana

Nos *Prolegômenos*, Hjelmslev (2003 [1943]) assegura que a linguagem é um sistema de signos, acrescentando que um signo resulta da união de um plano da expressão com um plano do conteúdo. Entretanto, para que esse sistema funcione, novos signos precisam ser produzidos frequentemente, ou seja, é necessário, à linguagem, um número ilimitado de signos. Para garantir o cumprimento dessa exigência, os signos são ajudados por “não-signos”, que são limitados e não têm uma significação completa, pois são formados por apenas um dos planos da linguagem: ou somente pela expressão, ou somente pelo conteúdo. Dito de outro modo, se um signo é formado da semiose entre expressão e conteúdo, os “não-signos” são a expressão e o

conteúdo tomados separadamente, antes de se tornarem signos. Esses “não-signos” são denominados figuras, pois as situações comunicativas nem sempre requerem a união do mesmo plano da expressão com o mesmo plano do conteúdo.

Em razão da não obrigatoriedade de união da mesma expressão com o mesmo conteúdo, associações distintas entre os planos da linguagem podem produzir novos signos, com significados diferentes do signo primeiro a depender da combinação realizada, pois, tanto o primeiro signo pode possuir o mesmo plano do conteúdo que o atual, mas não o mesmo plano da expressão, como pode acontecer o contrário, permanecer a expressão e mudar o conteúdo. É por isso que, por exemplo, o lexema (signo) “manga” pode significar “fruto da mangueira” ou “parte de uma vestimenta que cobre os braços”. Da mesma forma, uma figura do conteúdo como “morte” pode receber como significante a expressão lexical “indesejada das gentes” (no estilo de Bandeira) ou a representação icônica dos esqueletos de Bruegel.

Em síntese, para esse linguista, as figuras só passam a ser signos quando uma figura da expressão se une a uma figura do conteúdo, propiciando não só o surgimento de um signo, mas de um signo com significação diferente, conforme a situação comunicativa, ou o contexto. Ele deixa claro que uma linguagem, ou o sistema de signos, depende de um arranjo entre as figuras da expressão e as figuras do conteúdo para que se obtenha um número ilimitado de signos. Nesse sentido, as línguas “[...] conforme sua estrutura interna, elas são sobretudo algo de diferente: sistemas de figuras que podem servir para formar signos” (HJELMSLEV, 2003 [1943], p. 52).

A figura, em Hjelmslev (2003 [1943]), pode ser entendida, portanto, como anterior à noção de figura na teoria greimasiana. Dizemos isso, pois, em semiótica, a figura corresponde a um signo, isto é, segundo Greimas e Courtés (2011 [1979]), ela é definida como uma unidade decomponível em *sema* ou *fema*, traços mínimos de sentido (categorias figurativas) dos dois planos da linguagem – o *sema* para o conteúdo e o *fema* para a expressão. Assim, da mesma maneira que o linguista dinamarquês compreende a figura como um manifestante em relação com um

manifestado, em semântica discursiva, conforme Greimas e Courtés (2011 [1979], p. 209), o termo “figura” fica reservado às “[...] figuras de conteúdo que correspondem às figuras do plano da expressão da semiótica natural (ou do mundo natural) [...]”, mundo imediatamente percebido pelo sujeito. Fontanille (2008), em *Pratiques Sémiotiques*, reafirma essa posição ao considerar o nível dos signos, em sua proposta metodológica, aquele da experiência da figuratividade.

A seguir, tratamos da evolução da construção do conceito de figuratividade na semiótica.

4 A teoria do figurativo na semiótica discursiva

Em nossa pesquisa, verificamos que o registro mais antigo do termo figuratividade na Semiótica, aparentemente, é oral e remonta a 1973, à aula do curso “Semiótica da narrativa”, ministrado por Greimas na Universidade Barão de Mauá⁸. Nessa aula, o pesquisador explica as relações hierárquicas de produção do sentido mediante procedimentos retóricos, trazendo uma potencial formulação do conceito de figuratividade: ela propicia a equivalência entre o nível das operações lógicas (abstrato ou profundo) e o nível que comporta a sintaxe antropomorfa (figurativo ou de superfície), e as metáforas são recursos semânticos que permitem a transição do abstrato ao figurativo. Quanto ao primeiro registro escrito, data de 1978, em artigo de Floch – “Quelques positions pour une sémiotique visuelle” –, nesse caso, sem uma conceituação. Contudo, nesses trabalhos, estamos distantes das indagações iniciais e finais em torno da figuratividade. Por isso, nas linhas que se seguem, investigamos como esse conceito é construído e vai se transformando na disciplina até chegarmos às conceituações (e aplicações) mais atuais.

⁸ Essa aula foi transcrita e publicada como artigo homônimo, “Métaphore et isotopie”, em 1982, na revista *Significação*.

4.1 A figuratividade no século XX

Na obra que inaugura a Semiótica, *Sémantique Structurale*, publicada por Greimas em 1966, boa parte do projeto de pesquisa ali presente está intimamente relacionada ao papel da figura na construção dos sentidos, inicialmente chamada de *figura nuclear*, visto ser constituída de núcleo semântico e figura sêmica. A figura nuclear corresponde ao núcleo sêmico de um lexema e, embora possua um caráter geral, recobre, de forma aberta, as derivações semânticas possíveis. Essa propriedade é exemplificada mediante análise do lexema “cabeça” (*tête*), que pode significar, metonimicamente, a parte de um animal (o todo), mas também pode ser reconhecida como uma cabeça de alho. O lexema cabeça é, pois, uma figura exteroceptiva (do senso comum) que, de forma recorrente, está associada ao sema “extremidade”. A figura nuclear integra, assim, um procedimento no qual um lexema produz lexemas derivados em uma situação comunicativa (GREIMAS, 1966a).

É, entretanto, ao tratar das manifestações figurativas e “não-figurativas” do discurso que o autor demonstra, mais concretamente, o modo como uma figura se relaciona com a significação na Semiótica. Para ele, são as manifestações figurativas que possibilitam a descrição no discurso, visto que as categorias sêmicas gerais que formam as figuras têm a capacidade de sustentar e de enquadrar a descrição de tal modo que, mesmo quando as manifestações figurativas ficam implícitas no discurso, remetem a uma explicitação, a uma concretização (ou modelo). Em seu entendimento, a manifestação “não-figurativa” – aquela que apresenta sememas com menos semas em seu interior, ou figuras nucleares dissolvidas, criando configurações mais abstratas, mais distantes de modelos imediatamente perceptíveis – também é portadora de sentido. A diferença entre a manifestação figurativa e a “não-figurativa” está no fato de a segunda ser percebida de forma mais sutil no interior do discurso, como geralmente ocorre no discurso científico.

Ainda em 1966, Greimas publica, na revista *Communications*, “Por uma teoria da interpretação da narrativa mítica”, texto embasado nas pesquisas de Claude Lévi-

Strauss sobre mitos e que introduz aos estudos semânticos a importância da isotopia narrativa para a significação. Nesse trabalho republicado em *Sobre o sentido* (GREIMAS, 1975 [1970]), a isotopia é entendida como:

[...] um conjunto redundante de categorias semânticas que torna possível a leitura uniforme da narrativa, tal como ela resulta das leituras parciais dos enunciados após a resolução de suas ambigüidades, esta resolução ela mesma sendo guiada pela procura da leitura única. (GREIMAS, 1975 [1970, 1966b], p. 174).

As palavras do semioticista parecem já antever, nessa definição, a possibilidade de arranjos figurativos que permitam leituras pluriisotópicas, haja vista defender que, em uma narrativa, a isotopia produz leituras parciais, ambíguas, e que as diferentes leituras podem se convergir em uma leitura única. Ele ainda esclarece que é a organização isotópica que permite as diferentes leituras sobre os planos discursivo e estrutural da narrativa, no caso, a mítica, e ainda assegura a importância da isotopia para o estabelecimento dos jogos da verdade, entre ser e parecer, e até mesmo de jogos da decepção. Além disso, faz referência à noção de figura, e até de figuratividade, ao afirmar que os elementos da narrativa que constituem uma isotopia se manifestam na forma de lexemas e que, a depender da organização narrativa, podem comportar diferentes efeitos de sentido.

Em 1969, com “A estrutura semântica”, também publicada em *Sobre o sentido*, Greimas (1975 [1970]) retoma o exemplo do lexema cabeça para associar a figura nuclear ao processo de percepção do mundo manifestado na e pela linguagem, e revela que o mundo é apreendido na forma de expressão, que corresponde à manifestação sensível das línguas naturais. Em outras palavras, conforme o homem percebe o mundo (natural), este só se torna reconhecido e apreendido por ele através da linguagem (língua natural). Assim, por meio da percepção, a expressão (o mundo percebido, como o sol ou o calor) é transcodificada em conteúdo e tornada inteligível na manifestação linguística da estrutura semântica. É essa transcodificação que faz o

sol ou a sensação tátil a ele relacionada (o calor), exemplificação de mundo percebido, serem reconhecidos. Isso quer dizer, conforme Greimas (1975 [1970]), que o mundo considerado “existente” para o homem é projetado semanticamente como “existente” e “significante” ao ser transformado em linguagem. Afinal, o mundo natural nada mais é que “[...] a natureza enformada pela cultura” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 449), e é por isso que, ao tratar do mundo natural em “*Conditions d’une sémiotique du monde naturel*”, Greimas (1968) se refere às figuras como “*figuras do mundo*”, um mundo que é forma e não substância.

Já a relação direta das figuras com o modo como o homem o percebe discursivamente, estreita-se em *Maupassant a semiótica do texto*, à medida que Greimas (1993 [1976]) relaciona dois tipos de estruturas axiológicas na construção da valoração figurativa presente na análise de um conto de Gui Maupassant: uma elementar, que remete à manifestação figurativa proposta em *Sémantique Structurale*, classificada como “[...] estereótipos culturais cuja universalidade não está provada, mas cuja generalidade [...] é evidente” (GREIMAS, 1993 [1976], p. 130); e uma abstrata, que equivale à manifestação “não-figurativa”. Essas duas estruturas axiológicas são homologadas pela figurativização do discurso, uma em relação à outra, levando a uma valoração das figuras. Esses valores podem ser assumidos em um universo individual figurativo, no qual um universo socioletal representa coletivamente os valores individuais e o universo idioletal organiza, a seu modo, um “sistema de valores individuais”; e ainda em um universo coletivo figurativo, em que o universo socioletal equivale ao mitológico e o universo idioletal interpreta individualmente os valores coletivos, esclarece.

Em 1979, no *Dicionário de semiótica*, os termos figura, figurativização – que já é aplicado à análise em Maupassant (1976) – e figurativo, são conceituados. Ao tratarem da figura, Greimas e Courtés (2011 [1979]) lembram que, embora Hjelmslev (2003 [1943]) a veja como uma das metades do signo – cada um dos planos da linguagem –, concernente às análises de conteúdo do percurso gerativo do sentido, ela é o resultado

da combinação e da organização de fonemas (expressão) e de sememas (conteúdo); retomam, portanto, o que fora pensado desde *Sémantique Structurale*. Assim, em semântica discursiva, seria mais acertado chamar de figura apenas as “[...] figuras do conteúdo que correspondem às figuras do plano da expressão da semiótica natural (ou do mundo natural)” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 210), pois as figuras de conteúdo se instalam no nível figurativo a fim de propiciar o acréscimo de novos investimentos semânticos ao nível abstrato do discurso.

Para os autores, o figurativo é como um qualificativo da figura, pois seu emprego requer a relação de um conteúdo de uma linguagem com a expressão de uma semiótica do mundo natural. A figurativização, por sua vez, é considerada, nesse momento de construção teórica, como um conjunto de “[...] procedimentos mobilizados pelo enunciador para figurativizar seu enunciado” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 210); os simulacros do mundo natural no PGS são construídos por esse procedimento, que instaura figuras de valor a fim de que recubram os valores que subjazem os discurso, a exemplo do automóvel, quando tomado como figura que recobre o valor “poder”: “O discurso que relata a busca do automóvel, o exercício e, eventualmente, o reconhecimento por outrem do poder que ela permite manifestar será um discurso figurativo” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 211). Ademais, não somente cabe à figurativização especificar e particularizar o discurso abstrato (temático) apreendido nas estruturas profundas de modo que atores, espaço e tempo sejam projetados na sintaxe discursiva pelo sujeito da enunciação, como também compete a esse procedimento recobrir os temas com figuras que, em termos de densidade sêmica, tanto podem ter um grau de cobertura figurativa mais genérico, como mais específico, nesse caso, mais próximo da iconização. Assim, figuras como “rei” e “inverno” seriam menos próximas da reprodução do real do que um nome próprio ou uma datação, explicam.

Tem-se, também, nessa explicação, um dos primeiros registros escritos do termo figuratividade em semiótica, já que a aula de 1973 inscreve uma recepção oral e a

recepção escrita em texto Floch ocorre em 1978. No *Dicionário*, Greimas e Courtés (2011 [1979]) acreditam que, embora a figuratividade já esteja sendo estudada, a sua conceituação é ainda “perigosa”. Pressupondo a existência de “[...] dois patamares nos procedimentos de figurativização: [...] da *figuração*, ou seja, instalação das figuras semióticas (uma espécie de nível fonológico); [...] da *iconização*, que visa revestir exaustivamente as figuras, de forma a produzir a ilusão referencial [...]” (GREIMAS; COURTÉS, 2011 [1979], p. 212), tomam o conceito como quarta acepção da entrada “figurativização”, vendo como metodologicamente problemática a possibilidade de figuratividade e figurativização serem considerados termos sinônimos, já que a aquela é vista como responsável pelo arranjo de “imagens do mundo” nos discursos e esta, como realizadora tanto do procedimento de iconização como de figuração.

Após a publicação de dois números dos *Actes Sémiotiques – Bulletins* dedicados ao estudo da figuratividade – números 20 (1981) e 26 (1983), em 1984, Greimas publica “Semiótica figurativa e semiótica plástica”. Nesse texto, conforme discorre sobre conceitos como formantes figurativos e plásticos, e semissimbolismo, oferece parâmetros à análise figurativa de objetos planares, poéticos e míticos, e define a figuratividade como “[...] um certo modo de leitura – e um modo de produção – das ‘superfícies construídas’ [...]” (GREIMAS, 1984, p. 26); logo, refere-se ao modo como uma organização figurativa é construída para fazer com que objetos visuais e planares adquiram sentido. Para tanto, reúne as categorias plásticas (cromáticas, eidéticas e topológicas) em sua metodologia de análise figurativa para que componham grades de leitura icônicas e abstratas dos objetos e façam as figuras (ao remeterem ao mundo natural) significarem.

Em 1985, Floch publica *Petites mythologies de l’œil et de l’esprit*, cujo novo olhar para e sobre a figuratividade configura uma abertura “semiótica” às linguagens visuais que não pretende dar conta das qualidades visíveis dos objetos estudados sem “apagar” seu significante, pois nenhuma imagem, para ele, se reduz às variações literárias. Por isso, analisa textos visuais, sem se ocupar de imagem, linguagem ou

signos em si, mas, sim, das operações semióticas que envolvem figuratividade (mais e/ou menos concreta), sincretismo e plasticidade.

Assim, examina as organizações figurativas conforme identifica as relações semissimbólicas (homologação entre categorias dos dois planos da linguagem) que fazem emergir o sentido dos textos pictóricos, portanto, plásticos, haja vista o semissimbólico ser, em sua concepção, lugar do exercício do pensamento mítico que, por ser correlativo e contrastivo, visa à apreensão dos contrários que coexistem nas estruturas profundas. Além disso, ele antecipa proposições acerca da figuratividade, sobretudo da figura, a serem formalmente instituídas no *Dicionário* de 1986, como a relação entre o figurativo e o figural. Em sua perspectiva, na análise das obras figurativas, ao invés de se distinguir o abstrato do figurativo, é mais adequado distinguir o figurativo – elementos reconhecidos como existentes no mundo natural – e o figural⁹, um figurativo que implicaria “[...] uma articulação [...] do mundo visível ou de um universo visível construído, mas cujas unidades não são ainda “feitas” (no sentido de “arranjadas”) por figuras do mundo ‘natural’”. (FLOCH, 1985, p. 18-19, tradução nossa¹⁰).

Em 1986, com a figuratividade integrando a metalinguagem da disciplina em teses, livros e artigos, a publicação do tomo II do *Sémiotique, Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1986) tem o papel de, finalmente, institucionalizá-la, conceituá-la. Assim, nessa obra, em que Greimas e Courtés agora são organizadores, cabe a Rastier, Bertrand e Floch (*in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 90-91) esclarecerem as dúvidas suscitadas em 1979 acerca do conceito e formalizarem concepções teóricas sobre ele.

Segundo Rastier (*in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 90), inicialmente, a figuratividade foi observada enquanto efeito resultante da colocação das figuras em discurso, ou seja, como responsável por estabilizar as isotopias figurativas que,

⁹ Floch (1985) entende o figural conforme Bertrand (1985), como figurativo abstrato, opondo-se ao entendimento zilberberguiano e de Pereira (1976) de que o figural é um figurativo em devir.

¹⁰ Trecho original: “[...] une articulation [...] du monde visible ou d’un univers visible construit, mais dont unités ne sont pas encore ‘faites’ (au sens d’‘apprêtées’) aux figures du monde ‘naturel’”.

sintagmaticamente, atualizam o sentido da primeira figura por meio das figuras subsequentes com as quais se relacionam. Isso quer dizer que, colocada dada figura no discurso, as seguintes vão recuperar o sentido já virtualizado da primeira, de modo que o conjunto de figuras possibilite o reconhecimento dos valores recobertos por elas como “existentes” no mundo natural.

Até então vistas atuando apenas no nível discursivo, as figuras semânticas tinham a função de se organizarem no tecido do discurso para a produção do efeito de realidade, fazendo referência a elementos do mundo real em um procedimento de ancoragem¹¹. É nesse sentido que a figuratividade passou a ser entendida como produtora da referencialização, na medida em que um discurso denominado figurativo constrói a sua credibilidade por meio da alta densidade sêmica e de conexões das figuras, resultando em um efeito de iconicidade (RASTIER *in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 90).

Entrementes, a figuratividade também pode se constituir no sentido inverso, ou seja, pode ser organizadora do sentido ainda na estrutura profunda, enriquecendo e complexificando a densidade sêmica conforme passa pelo nível narrativo e chega à estrutura de superfície, explicam Bertrand e Floch (*in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 91). Na verdade, elas se organizam em vários níveis de profundidade à medida que as isotopias vão se desreferencializando, estruturando a significação de forma mais abstrata até chegarem a uma linguagem figurativa metassemiótica. Nesse nível de abstração, a figuratividade organiza e estrutura os conceitos e os valores que conformam o viés ideológico, isto é, a “visão do mundo” que o discurso comporta. É assim, virtualizados no nível profundo, que os valores convergem em temas no nível semionarrativo. Tendo, a semiótica, atribuído essas características operacionais à figuratividade, esta passa a ser vista articulando e unindo os espaços cognitivo e tímico

¹¹ Segundo Barros (2005, p. 58), a ancoragem atua “[...] o discurso a pessoas, espaços e datas que o receptor reconhece como ‘reais’ ou ‘existentes’ [...]”, produzindo, assim, a ilusão de que são “cópias da realidade”.

e a ser entendida não como uma dimensão autônoma, mas como favorecedora da estruturação paradigmática do discurso (entrelaça os níveis do percurso gerativo) (BERTRAND; FLOCH *in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 91).

No ano seguinte, em *Da imperfeição*, Greimas (2002 [1987]) situa a figuratividade nos estudos semióticos sobre o sensível e exalta a sua importância na construção de novas significações até mesmo por intermédio da sensorialidade. A esse respeito, considerando a construção do objeto no meio do campo perceptivo, ressalta que é produzindo a descontinuidade sobre o contínuo do espaço visual que o objeto estético se constitui. A um só tempo, a experiência estética admite uma hierarquia de sensações, ou seja, a percepção estética pode ocorrer no estrato eidético, que é mais superficial, passando pelo cromatismo até chegar à luz. Essa experiência é construída no texto pelas organizações figurativas. Sobre as reações patêmica e sensorial do sujeito, Greimas (2002) esclarece que as paixões da alma e do corpo são reunidas como uma fusão momentânea do homem e do mundo no sincretismo dos actantes sujeito e objeto, e, ainda, como concretização da estesia. Ele toma como exemplo da figurativização dessa concretização, o estremecimento de Palomar, na obra de Calvino, que ocorre quando o sujeito olha de perto o objeto (seio de uma mulher).

Nos anos 1990, estando assimilado o papel do sensível, de uma perspectiva fenomenológica, a relação da figuratividade com o sentido, que ultrapassa a identificação de elementos do mundo natural, pois se associa à experiência sensível, ao modo como o sujeito percebe e apreende o sentido pelos sentidos (ou pelo corpo), torna-se fulcral em *Semiótica das paixões*, levando Greimas e Fontanille (1993 [1991], p. 13) a afirmarem que “é pela mediação do corpo que percebe que o mundo transforma-se em sentido – em língua – que as figuras exteroceptivas interiorizam-se e que a figuratividade pode então ser concebida como modo de pensamento do sujeito”.

Essa perspectiva atrela-se, dessarte, à afirmação greimasiana de que, ao contrário do entendimento de que a figuratividade seria apenas enfeite ou embelezamento da linguagem, devido à sinestesia que provoca nos sujeitos, ela é

responsável pela possibilidade de o sujeito que percebe desvendar o além do sentido de um enunciado. Exemplo disso é a percepção da linguagem pictórica, que possui uma “grade de leitura” própria, somente lida porque está fundamentada na figuratividade (GREIMAS, 2002).

Também em 1991, Teresa Keane defende que a figuratividade tem duas faces, uma profunda e outra superficial. Além disso, ela tem o papel de garantir “a permanência da visada, a homogeneidade do discurso”, haja vista “apresentar um papel isotopante”. Dessa forma, promove a coerência do discurso, torna a sua manifestação racional, por isso, crível (KEANE, 1991).

No Brasil, Silva (1995, p. 29) propõe a descrição sistemática, objetiva e consciente, bem como uma “estruturação dos primitivos figurativos”, por meio da constituição de uma “[...] gramática profunda dos modos de expressão, através de figuras, dos grandes temas que embasam e embalam o ser-estar do homem no mundo”. O autor finaliza esse pensamento inserindo a ideia de que a figuratividade está ligada ao imaginário humano, que seria um macrouniverso e, simultaneamente, ao texto que espelha esse imaginário, um microuniverso (SILVA, 1995), que corresponderiam (macro e microuniverso) às faces profunda e superficial de que também trata Keane (1991). Essas proposições demonstram novas perspectivas ao estudo e ao funcionamento da figuratividade, alinhando-se, ambas, às ideias presentes no tomo II do *Dicionário de semiótica* (1986) e em *Da imperfeição* (2002 [1987]).

Posteriormente, em *Caminhos da semiótica literária*, Bertrand (2003 [2000]) esclarece que o método de análise da semiótica, em última instância, privilegia quatro dimensões – a narrativa, a passional, a figurativa e a enunciativa – que se articulam de forma muito apropriada à construção da significação em um texto literário. Ao conferir o estatuto de “dimensão” à figuratividade, o semioticista reafirma que, nesse momento da história da semiótica, o conceito já ultrapassou os limites do nível discursivo, conforme Floch (*in* GREIMAS; COURTÉS, 1986, p. 91), e tanto perpassa todos os níveis de significação do discurso, como é fundamental à produção do sentido, pois “[...]”

inscreve o sensível na linguagem e no discurso, ou seja, basicamente, a percepção e as formas de sensorialidade” (BERTRAND, 2003 [2000], p. 29), ratificando o ponto de vista sobre o conceito após *Da imperfeição* (2002 [1987]).

Ademais, Bertrand (2003 [2000]) resgata a importância das raízes fenomenológicas na construção da teoria ao lado da linguística e da antropologia cultural, uma vez que é influência da fenomenologia o uso de expressões como “parecer do sentido”, “véu do parecer”, “tela do parecer”, caras a Greimas e à semiótica, pois é graças à figuratividade que o mundo sensível pode ser visto e, conseqüentemente, apreendido. Assim, para demonstrar o quanto ela se aproxima da fenomenologia merleau-pontyana, visto que se relaciona a elementos da percepção para apreender sensorialmente os objetos do mundo natural, explica que a dimensão figurativa

[...] se interessa pela maneira como se inscreve o sensível na linguagem e no discurso, ou seja, basicamente, a percepção e as formas da sensorialidade. Essa dimensão figurativa da significação, a mais superficial e rica, a do imediato acesso ao sentido, é tecida no texto por isotopias semânticas, e recobre com toda sua variedade cintilante de imagens as outras dimensões, mais abstratas e profundas. (BERTRAND, 2003 [2000], p. 29).

Dedicando três capítulos à figuratividade, Bertrand (2003 [2000], p. 205, grifo do autor) afirma que correspondem a três fases de reflexão semiótica sobre o conceito: “[...] a introdução do conceito de figuratividade no contexto da semiótica estrutural; o percurso dos efeitos de sentido figurativos num *continuum* que vai da iconicidade à abstração; a relação estreita entre figuratividade da linguagem e ato de percepção”.

Embora essa obra mostre o conceito já estabilizado na teoria, vejamos, agora, como ele é retomado no século XXI.

4.2 A experiência da figuratividade na proposta fontanilliana

Nos anos 2000, diante da demanda por análises tanto de objetos textuais quanto situações, Jacques Fontanille (2008) elabora uma metodologia de análise em níveis de pertinência que se articulam como o percurso gerativo do sentido: partindo das instâncias inferiores em direção às superiores, ou fazendo o sentido inverso, ou ainda possibilitando a análise de apenas um nível ou de alguns. Essa metodologia é apresentada originalmente em 2004, na Universidade de Paris VIII, no Colóquio “Transversalidade do sentido: pesquisa e confrontação de modelos”, e, desde a publicação de *Pratiques Sémiotiques* (FONTANILLE, 2008), os níveis são organizados obedecendo a uma hierarquia constituída de seis instâncias formais que se relacionam com seis tipos de experiência semiótica (ver Quadro 1):

Quadro 1 - Hierarquia dos níveis de pertinência da análise semiótica¹².

Fonte: Silva e Portela (2012, p. 56).

Esse modelo de análise tanto pode seguir uma ordem ascendente, começando pelo nível dos signos até chegar ao das formas de vida, se interessar ao analista, ou

¹² Em 2018, Fontanille e Couégnas reformulam essa hierarquia. Os níveis agora correspondem a tipos de semioses e os níveis de pertinência são reduzidos a quatro: i) dos signos; ii) das obras (que comporta os textos e os objetos); iii) dos processos (constituído das práticas, que, tendo absorvido as estratégias, passou a possuir uma face relacionada ao fazer e outra face reflexiva desse fazer, e das formas de vida); e iv) das existências

descendente (partir de níveis superiores, das formas de vida ou antes dele, rumo aos inferiores), ou realizar sínopes, isto é, suprimir níveis, a depender do objeto e/ou da situação em exame. Evidentemente, a figuratividade participa da construção dos sentidos em cada nível individualmente, visto que “cada um dos níveis de análise é também um plano de imanência, segundo a concepção de que, nos limites de cada um desses níveis, a análise é contínua, mas na passagem de um nível a outro ela é descontínua” (FONTANILLE, 2014, p. 58).

Isso quer dizer que conforme as isotopias figurativas são reclamadas a constituir a coerência do discurso em cada nível, um procedimento de análise é exigido de modo que o analista possa dar conta das “propriedades espaciais e topológicas, temporais e sequenciais”, propriedades sintagmáticas, bem como das operações que possibilitam o fechamento isotópico dos textos, interferir até mesmo na forma como o plano de imanência da semiótica-objeto analisada se integrará ao nível subsequente, seja inferior ou superior (FONTANILLE, 2014).

É preciso ainda considerar, tratando-se da operacionalização das figuras nos níveis, que “todo tipo de semiótica-objeto, em cada nível de análise, está submetido a um regime de crença específico”, inerente ao seu “modo de expressão”, diz Fontanille (2014, p. 59). Assim, identificando a crença textual na “coerência interna do desenvolvimento narrativo que vai de uma situação inicial a uma situação final”, tem-se a fundação da crença prática enquanto “[...] ajustamento das peripécias de um curso de ação ‘aberto’ nas duas pontas da cadeia e submetido aos acasos da interação com outros cursos de ação, frequentemente imprevisíveis”. Ou seja, cada nível é dotado de uma grade axiológica que pode ser combinada a outras, pertencentes a outros níveis aos quais se integra, processo que pode modificar os conjuntos de valores, recompondo os regimes de crença. As mídias, nesse caso, exemplificam semióticas-objetos que, durante a integração de níveis promove a adaptação e complexificação de regimes de crença (FONTANILLE, 2014, p. 60).

Quanto aos níveis, embora possam se interligar, interessa-nos sobretudo o primeiro, dos signos. Nele, são observados os formantes figurativos e os traços que tornam possível o reconhecimento e a distinção dessas unidades por meio de uma grade de leitura do mundo natural¹³: experiência mediada pela figuratividade e na qual é identificada a recorrência dos formantes e a consequente construção de isotopias que possibilitarão a integração ao nível subsequente, dos textos-enunciados, onde as isotopias figurativas e temáticas são percebidas e interpretadas, produzindo sentido (FONTANILLE, 2008). O nível dos signos também tem a característica de poder simbolizar, em caso de síncope extrema, uma prática ou uma forma de vida, que estão no topo do percurso de análise, isto é, pode condensá-las, como ocorre com uma logomarca (SCHWARTZMANN, 2013, p. 1457).

Diante disso, vê-se, nessa proposta, que a figuratividade não só perpassa todos os níveis como participa da constituição dos regimes de crença e do processo de persuasão, seja no exame de textos ou de situações. Ademais, a presença do conceito na base dessa metodologia mostra, novamente, a sua operacionalidade nas análises semióticas e que ele permanece indispensável à construção dos sentidos.

5 Considerações finais

Apresentamos, neste artigo, a figuratividade e os movimentos na história da Semiótica para a compreensão do seu papel na disciplina, tendo como textos orientadores aqueles que consideramos balizadores para o projeto semiótico e o estudo desse conceito. De Panofsky (2007 [1955]) a Fontanille (2008), a figuratividade foi sendo introduzida às ciências humanas, fazendo emergir os posicionamentos de críticos e filósofos de arte, de linguistas e semioticistas, estes últimos diretamente implicados no processo de introdução do conceito e de transformação de seu estatuto na teoria, e/ou

¹³ Esse papel dos formantes figurativos foi observado primeiramente em Floch (1979).

de reflexão mais acentuada sobre a atuação do conceito nas análises dos objetos que lhes interessam.

Nos textos aqui revisitados, verificamos o estabelecimento do papel da figuratividade (e dos conceitos a ela intrinsecamente relacionados) na operacionalização de análises.

De 1966 a 2000, como resume Bertrand (2003 [2000]), há três grandes momentos do conceito na disciplina: no primeiro (anos 1960), ele é instaurado nas estruturas da teoria, ainda que reconhecido apenas no nível discursivo, sobretudo devido à organização isotópica dos temas e das figuras para a construção dos efeitos de sentido; no segundo, constata-se que a figuratividade possibilita o reconhecimento da semiose na representação visual, haja vista a observação de que existe uma gradação da manifestação figurativa mais icônica à mais abstrata (anos 1970); e, no terceiro momento, reconhece-se que a figuratividade transita por todos os níveis do percurso gerativo do sentido (primeira metade dos anos 1980), e que a sensorialidade é uma abertura para o além dos limites do sentido, posicionamento teórico evidente a partir de *Da imperfeição* (2002, [1987]).

Na primeira década dos anos 2000, as perspectivas de Greimas e Courtés (2011 [1979]), de que a figura é um signo, e de Floch e Bertrand (1986), de que a figuratividade (arranjo de figuras) é responsável pela construção dos sentidos dos textos em todos os estratos do percurso gerativo, são ratificadas por Fontanille (2008) conforme a figuratividade passa a compor a metodologia de análise dos níveis de pertinência, seja como primeiro nível desse percurso investigativo; seja como nível que pode resumir toda uma forma de vida; ou como operador tanto da coerência interna de cada nível quanto da interligação dos níveis.

Para concluirmos, sabemos que, no presente século, não somente Fontanille (2008) se interessou pela operacionalidade do conceito, pois continuaram a surgir pontos de vistas sobre o seu papel nas análises. Elizabeth Harkot-de-La-Taille (2020), por exemplo, propõe que a figuratividade é transversal ao percurso gerativo do

sentido e que o inteligível participa da construção da significação tanto quanto o sensível, pois é necessário à apreensão deste último. Trata-se de um convite a uma reflexão teórica de alta relevância, e a ser realizada em outro momento, mas que não podemos deixar de mencionar aqui, visto ser uma forte evidência de que a figuratividade continua operacional e ainda convoca os semioticistas ao debate sobre sua atuação nas análises, contribuindo constantemente para a evolução da teoria.

Referências

Actes Sémiotiques: Bulletin, n. 20, Paris: EHESS-CNRS, 1981.

Actes Sémiotiques: Bulletin, n. 26, Paris: EHESS-CNRS, 1983.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BERTRAND, D. Introduction. **Actes Sémiotiques: Bulletin**, n. 26, p. 3-4, 1983.

BERTRAND, D. **L'espace et le sens**. *Germinal d'Émile Zola*. Paris: Hadès-Benjamins, 1985. DOI <https://doi.org/10.1075/as.2>

BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.

BERTRAND, D.; FLOCH, J-M. Figurativité. *In*: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. (org.). **Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Tomo II. Paris: Hachette, 1986, p. 91.

COURTÉS, J. **Le conte populaire: poétique et mythologie**. Paris: PUF, 1986. DOI <https://doi.org/10.3917/puf.court.1986.01>

DUBOIS, J. **Dicionário de linguística**. 16. ed. Tradução de Frederico Pessoa de Barros *et al.* São Paulo: Cultrix, 2011.

FARIAS, I. R. Nos caminhos da figuratividade. **Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)**, v. 8, n. 2, p. 1-18, 2010. DOI <https://doi.org/10.21709/casa.v8i2.3320>

FIORIN, J. L. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FLOCH, J-M. Quelques positions pour une sémiotique visuelle. **Actes Sémiotiques: Bulletins**, n. 4-5, p. 1-16, 1978.

FLOCH, J-M. Des couleurs du monde au discours poétique de leurs qualités. **Actes Sémiotiques**: Documents, n. 6, p. 7-31, 1979.

FLOCH, J-M. Petites mythologie de l'œil et de l'esprit. Hadès-Benjamins, **Actes Sémiotiques**, 1985. DOI <https://doi.org/10.1075/as.1>

FONTANILLE, J. **Pratiques sémiotiques**. Paris: PUF, 2008. DOI <https://doi.org/10.3917/puf.font.2008.01>

FONTANILLE, J. Quando a vida ganha forma. Tradução de Jean Cristtus Portela. In: NASCIMENTO, E. M. F. dos S.; ABRIATA, V. L. R. (org.). **Formas de vida**: rotina e acontecimento. Ribeirão Preto: Ed. Coruja, 2014.

FONTANILLE, J.; COUÉGNAS, N. **Terres de sens**: essai d'anthroposémiotique. Limoges: Pulim, 2018.

GREIMAS, A. J. **Sémantique structurale**. Paris: Larousse, 1966a.

GREIMAS, A. J. Éléments pour une théorie de l'interprétation du récit mythique. **Communications**, n. 8, p. 28-59, 1966b. DOI <https://doi.org/10.3406/comm.1966.1114>

GREIMAS, A. J. Conditions d'une sémiotique du monde naturel. **Langages**, v. 3, n. 10, p. 3-35, 1968. DOI <https://doi.org/10.3406/lgge.1968.2546>

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975 [1970].

GREIMAS, A. J. Métaphore et isotopie. **Significação** - Revista Brasileira de Semiótica. Araraquara, n. 3, p. 4-13, 1982. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.1982.90298>

GREIMAS, A. J. Semiótica Figurativa e Semiótica Plástica. **Significação** - Revista Brasileira de Semiótica, n. 4, p. 18-46, 1984. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.1984.90477>

GREIMAS, A. J. Novos desenvolvimentos nas ciências da linguagem. Tradução de Norma Tasca. **Cruzeiro Semiótico**, v.11/12, p.187-194, 1989/1990. Disponível em: <https://felsemiotica.com/descargas/cruzeirosemiotico1112.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.

GREIMAS, A. J. **Maupassant a semiótica do texto**: exercícios práticos. Tradução de Teresinha Oenning Michels e Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993 [1976].

GREIMAS, A. J. **Da imperfeição**. Tradução de Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002 [1987].

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Contexto, 2011.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. (org.). **Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Tomo II. Paris: Hachette, 1986.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões**. Dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993 [1991].

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. Le rôle complexe de la figurativité dans la sémiotique greimassienne. **Semiotica** (online), v. 234, p. 5, 2020. DOI <https://doi.org/10.1515/sem-2018-0126>

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de T. C. Neto. São Paulo: Perspectiva, 2003 [1961].

JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

KEANE, T. Figurativité et perception. **Nouveaux Actes Sémiotiques**, n. 17, 1991.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2007 [1955].

PEREIRA, W. J. **Escritema e figurabilidade nas artes plásticas contemporâneas**. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1976.

PORTELA, J. C. Metalinguagem semiótica: empréstimos e redefinições. **Cadernos de Semiótica Aplicada** (CASA), v. 10, n. 2, p. 1-15, 2012. DOI <https://doi.org/10.21709/casa.v10i2.5598>

RASTIER, F. Figurativité. In: GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. (org.). **Sémiotique, dictionnaire raisonné de la théorie du langage**. Tomo II. Paris: Hachette, 1986. p. 90.

SILVA, I. A. **Figurativização e metamorfose**: o mito de Narciso. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

SILVA, C. A.; PORTELA, J. C. Níveis de pertinência semiótica na edição das cartas de Chico Xavier. *In*: PORTELA, J. C. *et al.* (org.). **Semiótica**: identidade e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 49-67.

SCHWARTZMANN, M. N. Escrita epistolar: da cena prática à forma de vida. **Revista Estudos Linguísticos**. n. 42, v. 3. São Paulo, p. 1450-1464, 2013. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/945>. Acesso em: 18 jul. 2020.